



FERREIRA NETTO

ESTRELINHAS

VERSOS



869.1
F383e



A todos com quem reparto
minhalma e coração

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRESA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
592	27-8-51

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
IMPRESA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
342	19-7-56

Não se refaz o passado; o que foi, pertence ao tempo. Si eu corrigisse os contos deste livro, trairia a minha mocidade. Restauram-se telas, avivam-se cores, recenam-se molduras, mas o que o pincel traçou, isso fica perenne.

A parte material do livro ha de soffrer modificações; os contos saem como os compus. Assim os imaginei e tracei aos vinte annos, fiquem como me saíram dalma juvenil.

Hoje, eu não os escreveria, mas que saudade tenho do tempo em que os escrevi!

COELHO NETTO — Rhapsodias.

Aimez qu'on vous conseille, et non pas qu'on vous loue.

(BOILEAU — ART POÉTIQUE)

DAS ESTRELLINHAS

Pois não são aquellas mesmas estrellinhas, reticências da grande página celeste, pois não são aquellas mesmas estrellinhas, para alguns — meros pontos luminosos, ao passo que muitos vêem nellas outros tantos mundos maiores do que a Terra?

Por que, pois, não chamar Estrellinhas aos meus versos — simples linhas limadas, para certos olhos, emquanto, para o meu coração adolescente, ellas têm algo dos enigmas esphyngicos, e encerram a grandeza do universo do amôr?

* * *

Mas, é a ti, mocidade, é a ti que eu dedico estes meus versos, a ti que não gastas o tempo com bonecas,

EU AMO

Eu amo a aurora fresca, auri-rosada,
do sol nascente, os raios multicores,
do mar amo a região illimitada
e, dos jardins, as pequeninas flores.

Amo o lêdo gorgear da passarada
e, com prazer, do dia ouço os rumores,
o nocturno sossego amo da estrada
e a voz melodiosa dos cantores.

Amo o tanger do sino, a Ave-Maria,
o murmúrio da aragem, suave, fria,
e da tarde o cair, quando fagueira...

Amo o céo, amo a lua e o seu pallôr,
das estrellas adoro o resplendor,
— eu amo, em summa, a natureza inteira!

*nem o perdes nas indagações philo-
sóphicas, porque só tu és capaz
de comprehendê-los.*

* * *

*Cada uma das minhas Estrellínhas
é um sorriso que meus lábios não
sorriram ou uma lágrima que meus
olhos não choraram. . .*

Hoje, publico este livrinho.

*Amanhã, na pyra ardente de minha
reflexão annosa, elle pagará o tributo
do meu arrependimento. Mas, que
importa? O próprio Jehovah não en-
viou, também, um diluvio sobre a
Terra ?*



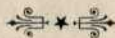
E G O

Venho de muito longe, eu venho de outras éras,
em báarthros já estive, estive em nebulosas,
vaguei pelo infinito em longinquas esferas,
em convulsões hostis e em pompas majestosas.

Fui a píncaros mil, mil cryptas silenciosas,
dos vulcões, a explodir, passei pelas crateras;
fui, talvez, o negror dessas noites umbrosas,
ou o zéphyro, talvez, das frescas primaveras.

Hoje, vivo na terra, e homem sou. No futuro,
serei, provavelmente, o verme dum monturo,
serei uma estrellinha, um lírio, um beija-flôr,

uma ária, uma canção, simples, doce, canora,
leve pluma subtil que vai pelo ar em fóra,
— a alma de um beijo até — ou um suspiro de amôr !



A COUSA MAIS FORTE

Era um castello todo feito de ouro,
num país encantado. Esse thesouro
de uma riqueza fabulosa, immensa,
marchetado de perlas e diamantes,
pertencia a figuras importantes
a que nós, homens tolos, damos crença :

O Tempo, a Morte e a Vida, era a Verdade,
o Saber, que deslumbra a humanidade,
a Illusão, o Desejo e outros mais...
Discorriam, sentados a uma mesa,
sobre o valor e sobre a fortaleza
de seus poderes sobrenaturaes.

O primeiro dizia : — Eu sou mais forte
que vós; pois, não encontro quem supporte
minha valente acção. Tudo extermino.
Faço curvar-se a frente mais altiva,
obumbrar-se a memória, inda a mais viva,
dobrar-se um coração adamantino.

A segunda falou:— Domino o mundo.
Venço, querendo, em menos de um segundo,
os mais potentes reinos e os imperios...
Filhos de Eva e de Adão, a investigar-me,
a gloria não terão de limitar-me,
nem me desvendarão, nunca, os mysterios...

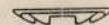
— Viver ! Viver ! continuou a terceira:
bem me conhece a natureza inteira,
sou eu a agitadora do universo !
Todo humano me canta, noite e dia,
cheio de entusiasmo e de alegria,
ern doce prosa e abemolado verso.

E a quarta: — Eu represento a realidade,
sou irmã gémea da sinceridade.
O Saber proseguiu: — Qual uma fonte,
cuja agua não se bebe, totalmente,
sou encontrado, indifferentemente,
no plano sólo ou gigantesco monte...

Ouve-se mais, após: — Viva a Utopia !
Hymnos mil á Chimera e á Fantasia !
Illusão ! Illusão ! — a alma da Vida !
E ainda a seguir: — A falta de se ter
muito Desejo — eis a razão de ser
esta existência tão incompreendida...

— Eu symbolizo... — Eu represento... — E eu... — E eu...
Nisto o palácio todo estremeceu,
e o silencio depois, depois um ruido.
Abre-se a porta. Em meio dum clarão,
causando a todos estupefacção,
surge uma criança — o divinal Cupido.

— Quem sois vós ? escutou-se. — A que vindes, menino ' ?
Elle, meio a sorrir, surpreendente, ladino,
respondeu: — Sou o Amôr. Percorro minha estrada,
a celeuma parou, ante essa affirmativa,
o valor, o poder, a força primitiva,
e, excusado é dizer, — ninguem falou mais nada !



TENHO MEDO DE AMAR

Tenho medo de amar ! — Oh ! é falso, dirás,
não posso acreditar !

E eu te responderei: — A existência é falaz,
tenho medo de amar...

O amôr é sempre assim: risos, beijos e flores,
quando a principiar;
depois, desillusões, ruínas, dissabores...
Tenho medo de amar !

E tu proseguirás: — A ventura, si a queres,
deves do amôr gosar.

E eu, então, falarei: — São tão más as mulheres...
Tenho medo de amar !..



MEDO

Não é de hoje este amôr para contigo,
este amôr saturado de chimera,
nem meu peito lhe deu, tampouco, abrigo,
no antepassado estio ou primavera.

No entanto, serenar-me não consigo,
si a alma te sente e o coração te espera;
si estou junto de ti, nada te digo,
como si nada entre nós dois houvera.

Olhas-me, e baixo o olhar. Falas-me, e fico mudo,
a ouvir, todo nervoso, a tua voz gorgear,
e nada ousa dizer-te, a despeito de tudo...

Porém, quando te vais, quasi grito e te chamo.
Dá-me vontade de sair, no mesmo instante,
correndo atrás de ti, para dizer que te amo !



UBI ES, FELICITAS ?

Deitado no meu leito, em frente da janella,
numa noite de sonhos fugidios,
— noite exquisita aquella,
cheia de sensações e cheia de arrepios —
eu tive, num momento,
este mau pensamento:
Tenho vinte e dois annos. Todavia,
essa ventura de que todo dia
ouço falar, por este mundo em fóra,
não conheço inda agora.
Não sei si ella era como um grão de alpiste
que o corvo da desgraça, negro e triste,
comeu, e foi-se embora,
ou si um pássaro azul, formoso e lindo,
que foi subindo, foi subindo, foi subindo,
para onde está Nossa Senhora...

Nisto, olho para o céo, e vejo uma estrellinha,
sozinha,
que parecia, com a argêntea luz,
buscar alguma cousa, attentamente,

o minuciosamente,
neste planeta em que nasceu Jesus.

E. ao vê-la,
eu disse á estrellinha:
— Que procuras
de Ião ignotas alturas ?
que indagas e pretendes e preferes:
d perfume do lírio, a côr dos malmequeres,
a robustez do athleta,
a tristeza do poeta,
ou o coração malvado das mulheres ?...

Então, a fúlgida estrellinha,
— que um mundo de illusões tambem encerra —
veiu até junto da janella minha,
sem ruido, sem rumor, sem escarcéo,
e disse a mim, com suavidade:
— Aqui na Terra,
PU procurava essa felicidade
de que se fala tanto lá no Céu...



MÃO DE FADA

*Mão fria, coração quente,
amôr ardente.
Mão quente, coração frio,
amôr vadio.*

Quando te aperto a mão, sempre tão fria,
num só minuto ou num segundo apenas,
sinto povoar-se de visões amenas
minha mente obscura... E que alegria

se apodera de mim ! Que horas serenas
passo, lembrando esse ditoso dia !
Ascendendo ás regiões da fantasia,
tenho divagações, de amores plenas !

yenço o impossível, píncaros transponho,
duvido da existência e a julgo um sonho,
B em minhalma tão rude o excelso medra...

Mas, tu, que sentes tu ? Juro que nada...
De que te vale, pois, a mão de fada,
si tens, no peito, um coração de pedra ?



SABER AMAR

*O coração que sabe amar,
não sabendo outra cousa, sabe tudo.*

P. DE MIRANDA

No comprido salão do anatomia,
sobre a mesa marmórea c longa o fria,
em presumçosa c rude entonação,
um cérebro dizia
a um coração:

Que differença entre nós dois, amigo!
Que idéas o que ideaes guardei commigo,
como não és capaz de comprehender !
Alerto, a noite inteira, o dia todo,
sondava os céos, examinava o lôdo,
numa sêde infinita, de saber !

Meu amo e meu senhor
era um famigerado pensador...

E disse o coração, com subtileza:
— Bati no peito de uma camponesa...

U cérebro emendou, num tom diverso:
— Conheço o mundo, os mundos, o universo
e a humanidade inteira.

A vida e sons bombásticos mysterios
e seus problemas complicados, sérios,
são, para mim, risível **brincadeira**.

E inda sei muito mais... Porém, agora,
dize a mim, sem demora:
que tens pra me contar?
Só soubeste pulsar, só soubeste pulsar?

O coração, rindo primeiro,
de toda a sciencia de sou companheiro,
respondeu, afinai: — Eu soube amar!



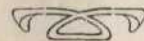
TRANSFORMAÇÕES

Hontem á tarde, quando já no poente
tombava o sol, e esclavas a meu lado,
live vontade fosse realizado
o de que, agora, vou fazer-te sciente:

— Conversávamos nós, alegremente;
subito, olhei pra cima de um telhado
e vi— todo em amores enleiado—
um casal de pombinhos...]e repente

voaram, ao ver-nos. Pallido fiquei
e, nas aves, o olhar triste fixei,
até vê-las sumir da vista minha.

Depois, tive o desejo tresloucado
de ver-me, logo, em pombo transformado,
tua transformação vindo em pombinha...



AQUELLA RUA, AQUELLA CASA E A VIDA...

Aquella rua todo dia
eu via...

Que linda ella era no começo !
Nem lixo, nem capim, nem papelzinho
se encontrava disperso em seu caminho,
nem um troçoço !

Serena, bem calçada, construida
com perfeição, dava vontade á gente
de ir caminhando, descuidosamente,
sem pensar nas agruras desta vida...

Uma vez nella entrei, e fui andando, andando,
eis sinão quando
dobro a primeira esquina...
Que ruina !...

Calhau, sobre calhau, nem uma só calçada,
p a rua toda — toda esburacada !

Tendo-o, conforme o vi, tal edificio,
de triumpho architectonico era indicio.
Bello ! exclamei,
formoso
e portentoso !

K, após, fui caminhando,
examinando
as impecaveis linhas das janellas
bellas,
as linhas impeceaveis dos portaes...

De súbito, no entanto,
parei, cheio de espanto:
ora só frontispicio, nada mais !

Hoje, minh alma pensa, e a pensar continúa:
a vida é aquella casa, a vida é aquella rua...



NOVO DILUVIO

Vi-a, sorri-mo, e fui correspondido...
Andou pra mim, andei pra junto della.
Falei-lhe assim: — Eu te amo, virgem bella!
K ella me disse: — Adoro-te, querido!

Peguei seu braço, acariciei-o, e ella,
pegando o meu, sussurra-me ao ouvido:
— Neste instante, por ti, quanto hei soffrido!
E eu: — Quanto soffro, divinal donzella!

Fomos andando, então, pelos caminhos,
como dois irrequietos passarinhos,
castellos fantasiando o áureos desejos...

— **Ku, lembrando-lhe** o amôr, de quando em quando.
— Ella, de encontro aos seios me apertando,
num diluvio de abraços e de beijos...



PAPAE NOEL

Pensando em li, na véspera do dia
de Natal, fui deitar, ansiosamente
esperançoso, cheio de alegria,
architectando o meu melhor presente.

E, de manhã — manhã radiosa e quente,
inda eu não bem os olhos entreabria,
e a indagar pús-me, pressurosamente,
pelo meu sonho, minha fantasia.

Tudo conforme eslava. Tudo, tudo!
Minha caixinha linda, de velludo,
minha linda caixinha de selim;

vasio o meu sapato, sob o leito,
— lábio sem beijo, sem amôr meu peito...
domo Papae Noel foi mau pra mim !...



SINO

Sino, deus solitario das alturas !
eu gosto do te ouvir, com alegria,
na hora em que, á tardinha, (u procuras
lembrar aos fieis christãos a Ave-Maria.

De manhã e tambem ao meiodia
eu muito te amo; quando as criaturas
se benzem ao ouvir-te; e ser queria
bronze de vozes mysticas e puras.

para dobrar, quando a ermida em festa,
e quando a multidão, sob mim, lesta,
me olhasse lá na torre, ha muito erecta,

e para. emfim, merencóreo, tanger,
replanger, replanger e replanger.
na morte de uma virgem ou de um poeta !



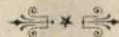
TU ES O AMÔR

No eden Eva passeava, inquieta, um dia;
e. olhando os céos e olhando a terra immensa,
um pequeno senão achou que havia,
vendo nos seres tanta indifferença.

Um pouco então medita, um pouco pensa,
cheia de sonho, cheia de utopia,
c eis que. em genuflexão, sem mais detença,
de mãos postas, aos céos. assim dizia :

— Fazei, Bom Pae. que. no universo inteiro,
desde o ente primitivo ao derradeiro,
haja palpitação... Fazei, Senhor !

Um anjo appareceu, no mesmo instante,
lindo, hélio, grandioso, deslumbrante.
o Eva, abraçando-o, disse : — Tu és o Amôr !



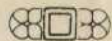
MENTECAPTA

Por que a chamavam do caduca, um dia
ella, em pranto, me fez a confissão:
— Mostrava o seu bahú, c, em confusão.
verdadeiros farrapos de alegria.

Cousas da mocidade fugidia:
um retrato, umas cartas, um cordão...
— Estas lembranças tão queridas são
pedaços de minhalma — ella dizia.

E, por isso, era louca. Oh, mundo ! mundo !
Só por contar-te o arcano seu, profundo,
tu a chamas doida, e a encaras com desdém.

Dá-me horror, dá-me tédio, tenho medo...
Por isso ó que eu não conto meu segredo,
nem abro o coração, para ninguém.



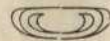
SUPPLICA

Dá-me um furtivo olhar, resplandescete,
uma palavra doce e compreendida;
dá-me esse beijo voluptuoso e quente
dos lábios teus — cereja bipartida...

Dá-me um sorriso teu, benevolente,
domina esta paixão desins-offrida:
quero-te junto a mim, perpetuamente,
perpetuamente me alenlando a vida !

Dá-me a caricia lua, o leu calor,
expande o teu desejo, sem pudor,
narra-me teu ideal, lua illusão !

Dá-me a ti, dá-me lua alma que eu a acceito !
Dá-me esse coração que tens no peito,
dá-me esse amôr que tens no coração !



FRADE E FREIRA

Mysterioso a valer, sua lida era sem termo
na prática do bem: dava seu pão, sen manto,
consolava o tristonho, acariciava o enfermo,
— era considerado um verdadeiro santo.

De grande pregador gosava regalia.
E, de facto, passar, ao púlpito trepado,
todo o auditório seu, si quisesse, faria,
do soluço pungente ao riso desbragado.

Falava de Jehová, e falava do inundo,
e falava do amôr, convertendo os infieis;
do nascer, do morrer e, a mais e mais, facundo,
de Adão, de Eva, de Abel, de Pedro e de Moysés.

Ella, tendo nos lábios, sempre, alguma prece,
mensageira do bem, piedosa, hospitaleira,
no convento ou na rua, onde quer que estivesse,
— era tida como uma santa verdadeira.

Outomno ou primavera ou forte inverno ou estio,
e ella junto de alguém no derradeiro anseio.
Passava sem dormir, longas noites a fio,
para ver si attenuava o soffrimento alheio. . .

Mas, um dia, em colloquio acerca do passado,
a brisa lhes roubou estas phrases vibrantes:
— Ha muito, muito amei... — Tambem eu, fui amado...
Suspiros, emoções, olhares penetrantes,

evocando, talvez, o palpitante enredo
de uma historia falaz, de epilogo impreciso:
— um aperto de mão, um beijo dado a medo,
um lenço que se agita, um ligeiro sorriso

e as mil cartas de amôr trocadas em seguida;
um anel de cabelo, um retraio, umas flôres,
— a jura que falhou, a phrase incompreendida
e a sentença final: — Somos dois peccadores !

Mudos, após, durante uns bons pedaços de hora,
entreolhando-se os dois, numa attenção avara,
ella concluiu ser elle o amado seu de outrora,
elle poude ver nella a joven que elle amara.

Disse, pois, admirado e em certa subtileza:

— domo a vida é sublime e como o tempo é vário!

Depois, num diapasão de duvida e surpresa:

— Oh, natura! oh, natura! oh, mundo extraordinario!

Segurando-se, então, mutuamente: nus braços,
dando-se as mãos depois, num brusco movimento
volveram para a rua e, em resolutos passos,
foram descendo a escadaria do convento...

E ninguém viu, jamais, em cada canto a freira,
e ninguém viu, jamais, o frade em cada canto.

Ella — tida como uma santa verdadeira,

Elle — considerado um verdadeiro santo...



COMO ÉS BOA! COMÔ ÉS LINDA! COMO EU TE AMO!

Si eu quisesse falar do teu coraçãozinho,
ou dessa alma de arminho
tão cheia de poesia,
que acaricia e que consola e que perdoa,
eu te murmuraria:
Como és bôa!

Si eu pensasse em dizer da tua majestade,
sem fugir á verdade,
da graça omnipotente
ou da tua belleza encantadora, infinda,
diria, simplesmente:
Como és linda!

Mas si eu pudesse revelar-te o puro e grande
amôr que em mim se expande
e augmenta dia a dia,
que é tão bom e é tão ruím, mas só de bom eu chamo,
então eu falaria:
Como eu te amo!



SUAVE CASTIGO

Quinze annos eu contava, ella quatorze. Entanto,
eu era quasi ingenuo, ella demais versada
na arte de seduzir e amar. . . K tanto, tanto,
me falava de tal. que. um dia. recostada,

quando estava. ao divan da sala quieta a um carito,
um beijo *eu* lhe roubei da bocca perfumada.
Mas, eis-rnc, logo, logo. pallido de espanto,
em frémitos de goso, ao vê-la despertada. . .

— Um beijo ! ella exclamou. Vou dizer a teus paes '
— Oh ! de joelhos, pedi; juro não fazer mais;
não digas nada. não. por Deus e por Maria !

E ella me acariciando e rindo, a voz pausada,
sentenciou, afinal:— Pra que eu não conte nada,
has de beijar-me, de hoje em diante, todo dia...



NA BORRASCA

Era demais. Chovia tanto, tanto,
que quem olhasse o pranto
celestial, caindo horrendo, esconso,
vendo o mar longe, e longe vendo a serra,
vendo a agua que jorrava,
linha a impressão de que, por sobre a terra,
uma enorme cachoeira desabava,
muitas vezes maior que Paulo Affonso...

Nas ruas do lugar,
iristes como um altar,
parando aqui e ali, de quando em quando,
via-se, caminhando,
uma velha, tão velha, tão velhinha,
que parecia ter, de annos sobre a carcassa,
como eu tenho desgraça
na infortunada juventude minha...

E quanta gente a via, e quanta gente
a deixava passar !
Mas, eis que, de repente,

ouviu *alguem* chamar.
Era um rapaz
descrente desta vida tão falaz,
que, em scismares diversos,
sua *dôr* convertia
num pouco de *poesia*,
num turbilhão de rimas e do versos.

O moço abriu-lhe a porta do seu lar,
fê-la a roupa mudar,
deu-lhe algo de comer
e de beber,
mandou-a *descançar*,
depois disse-lhe *assim*: Minha velha querida,
já que tens mais sereno, agora, o coração,
narra um facto qualquer de tua longa vida,
que em nós faça acordar um pouco de *emoção*...

Ella contou, então, com voz sumida
que cada uma das rugas do seu rosto
era, precisamente, uma guarida

do uma saudade ou do um desgosto...
Falou dos seus cabellos encanecidos,
dos amargos resabios
de seus lábios,
dos seus castellos ruidos,
falou do coração, do coração de outrora,
tão transformado agora,
falou da juventude,
tão bella e seductora, quanto illude !

E, quanto mais multiplicava os modos
e mais um facto ia contando, lindo,
via-se de um, e de outro, e dos olhos de todos
como gotas de pérolas, caindo...

Porém, muito surpresa ella se faz,
vendo enxutos os olhos do rapaz...
E indaga, então,
num dúbio diapasão:

Como, mancebo meu, de tanta gente
que me viu na borrasca, tu, somente,

de mim tiveste compaixão,
e, agora, no entretanto,
que por todas as laces rola o pranto,
ouvindo a narração
de minha vida,
tão merencórea assim como é comprida,
nem te bate mais forte o coração ?

Lançando, então, um morto olhar á rua,
contemplativo, respoudeu o asceta:
--- E' porque eu sou poeta,
e a historia de um poria é mais triste que a lua...



A VIDA...

A existência é uma ponte mui comprida,
que tem a morte numa extremidade,
e noutra extremidade tem a vida.

Dores, desillusões, vicio, vaidade,
são escombros desse áspero caminho,
por que passando vai a humanidade,

a qual, mesmo que a andar devagarinho,
ha de ferir-se, por fatalidade,
neste, ou naquelle, ou naquelloutro espinho...

.....

Dizem que além da ponte existe um prémio,
que não se dá a um estúlto maldizente,
nem a qualquer asceta, a qualquer bohemio,

mas, exclusivamente, unicamente,
a quem, durante a extensa caminhada,
os pés ensanguentou, de alma silente.

E' a recompensa, justamente dada.
o prémio de quem soube resolver
a equação, tantas vezes complicada,

deste enigma fatal:— Saber viver !



INTIMA DOR

— Que tens ? — Ora, que tenho... nada ! — Nada ! ?
Corno assim, si tão triste andas agora ?
Não póde ser ! Pois vejo, a cada hora,
que tua alma soluça, angustiada...

Dize, valer eu te não possa embora !
— Ah ! podes ! foste tu que, em minha estrada,
lindo o semblante e meiga e delicada,
tão risonha surgiste, como a aurora.

E amei-te, virgem bella; todavia,
si, a mais e mais, e tanto, eu te queria,
compreendido não fui, mas desprezado.

E o meu soffrer, meu intimo tormento,
só tu vencê-lo podes, num momento:
— Eu sinto a dôr de amar, sem ser amado !



A VELHINHA

Toda curvada á beira do caminho,
nos curtos passos traz serenidade.
A cabeça, tão branca como o arminho
e, no rosto enrugado, uma saudade...

De repente, olha e vê, com alacridade,
em sua direcção, devagarinho,
alguém que, em sua alegre mocidade,
soube bastante amá-la, e com carinho.

Caminhou mais; e os dois, juntos, risonhos.
relembra-se daquelles lindos sonhos,
daquelle amôr tão puro, que juraram...

daquellas noites frias, amorosas,
das missivas frequentes e chorosas,
dos amplexos e beijos, que trocaram...



UMA MULHER...

Rôto, sujo, o olhar morto, a voz sumida,
naquelle ponto ao ver-me estacionado,
aconchegou-se, um tanto desconfiado,
e a falar começou da própria vida.

Muito me disse, então, do seu passado,
da existencia de outrora, appetecida,
da sua estranha luta, estranha lida,
do seu viver — amara e fôra amado...

Eu o escutava, attento e quieto e mudo;
mas, quando terminou, inda eu não via
daquelle estado sou razão qualquer.

E, indagando o porquê daquillo tudo,
entre um soluço e o pranto que escorria,
elle apenas me disse: — Uma mulher...



CONTRASTE

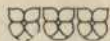
Hoje a paixão me invade. Entanto, a indiferença
domina-te, no peito, o frágil coração.

Si ouço falar teu nome, acudo, sem detença,
Si ouves dizer o meu — nem lhe dás atenção !

Eu vejo, todavia, a amizade propensa
n ter augmento em mim, e em ti, diminuição;
pois, si articulo — sim — tu, só por desavença,
proferes, sem demora, o inconsolavel — não !

Sou teu apaixonado, em summa... Um dia, entanto,
has de me ver passar rumando o Campo-Santo...
E, ouvindo o bimbalar dos bronzes da igreja,inha,

sentirás que, na morte, o amor é mais ardente;
terás o coração pulsando, fortemente,
e desde então serás — apaixonada minha !



MEU CORAÇÃO

Eu disse um dia a um companheiro antigo
das minhas desventuras e alegrias:

— Vivamos de hoje em diante, meu amigo,
horas risonhas e risonhos dias.

E o companheiro meu, o amigo ponderado,
nunca mais, desde então, me falou do passado.

Ao cérebro externei-me: — Tem paciência,
faze um pequeno esforço, camarada,
joga p'ra longe a tua pseudo sciencia,
e, no porvir, não saberás mais nada.

Passada uma semana, uma quinzena, um mês,
vi-me livre, afinal, dos comos e porquês...

Pedi á natureza: — Sê bondosa !
Banha em ondas de luar o azul da esphera !
Mostra-me a face tua de ouro e rosa,
no estio, inverno, outomno e primavera !

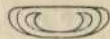
E aves, toda a manhã, e aves, a tarde inteira,
desmanchando-se em sons, ou via na palmeira...

Orei ao Deus Creador, ao Deus Supremo.
á Virgem mãe orei e aos cherubins,
que me indicassem desta senda o extremo,
queria outros caminhos menos ruins.

E os calhaus que meus pés feriam mm mil dores,
terminada a oração, transformaram-se em flôres...

Ao coração, em snpplica, desfeito,
pedi volver aos tempos de criança...
Pedi-lhe amôr e fé, sonho, esperança...
Elle, aguçando' mais, dentro em meu peito,

da realidade atroz a garra atroz, adunca,
disse, forte, severo, inabalavel: — *Nunca!*



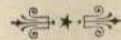
DO GUARANI

Depois do ter, durante quasi um mês.
lido, pausadamente, n *Guarani*,
mando-te (resumidas, tu bem vês)
ligeiras impressões do que senti:

Ansiei (por que negar '! Zangas, talvez ?)
ser dextro, forte e amado. qual Perí,
e houve, também, em mim, algo que fez
desejar, com ardor. fôras Ceci...

Porém, do idealizado paralelo
entre elles e nós dois, sonhei mais bello
nosso futuro; só de encantos feito.

Sonhei mais: tu me amando, eu te querendo;
— minhalma no teu corpo revivendo,
— teu coração pulsando no meu peito !



EU SÓ QUERIA...

Eu só queria um beijo teu ! Eu só queria,
por méra fantasia,
um abraço de ti, meu cherubim.
Eu só queria, emfim,
que esse teu coração, que esse coraçãozinho
teu
batesse, bem juntinho, bem juntinho
do meu...

Eu só queria a doce melodia
de tua voz, o mágico dulçor
dos lábios teus; em summa, eu só queria...
eu Só queria
o teu amôr I



PUGUIS...

Sonhos, anhelos, esperanças, flores,
risos, saudades, imaginações,
ânsias, loucuras, maguas, dissabores,
beijos, carinhos, ciúmes e paixões;

palácios ideaes, encantadores,
deslumbramentos e palpitações,
luzes, chimeras, trevas, esplendores,
encantos, primaveras, seducções;

tragédias, prantos, dogmas e utopias,
poemas, hymnos, amores e alegrias
e tergiversações e desengano,

são fantasmas que passam, diariamente,
visões callidoscópicas da mente,
— são illusões do pensamento humano !



MEU AMOR!

Que hei de dizer de ti ? Chamar-te *seductora*,
encantadora,
chamar-te *divinal* ?
falar de tua voz *gorgeante*, embriagadora,
cantar desse teu corpo a *fórma esculptural* ?

Que hei de dizer de ti,
das tuas mãos *liríaes*,
dos cabellos de *hurí*,
dos teus olhos *fataes* ?

Dizer que *és* uma santa,
e que tudo o que *é* teu, me fascina e me encanta.
que *és* tu minha *deidade*,
que *és* minha deusa da *felicidade*,
que tu *és* minha *alegria*,
minha *esperança* e minha *fantasia* ?

Achas, talvez, *dilecta*,
que *minhalma* de poeta
sentir-se-ia *feliz*

em proclamar tudo isso,
tão *sedição*,
que toda gente sabe, e todo o mundo diz ?

A ti, minha querida,
que *és* meu sol, que *és* meu ar, que *és* minha vida,
minha *estrella* de *mágico esplendor*,
a ti, minha querida,
que *és* meu sol, que *és* meu ar, que *és* minha vida,
chamar-te-ei, simplesmente : — Meu *amôr* !



RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro !
cidade da beleza e do amôr e da luz,
que tanto me seduz,
e onde o raiar da aurora eu vi primeiro,

ou amo esse teu céu de azul formoso
e a tua linda Bahia de Guanabara,
em cujo marulhar colleante, remansoso,
parece ouvir-se o canto de uma yára... "

Amo as tuas avenidas e praias mansas,
teus bosques e jardins, onde brincam as crianças,
numa orgia floral incomparável,
amo os zéphyros teus, cantantes, suaves,
e amo das tuas polychrômas aves
o canoro gorgueio inimitável !

Adoro os teus regatos crystallinos,
o dobre mavioso dos teus sinos, ,
tuas canções, teus hymnos,
tua palmeira esguia e mangueira frondíferas,

teu immenso horizonte, a abobada estellífera,
e as historias de fadas
encantadas
que contas aos meninos...

Amo, também, essa bandeira,
que symboliza toda a Terra Brasileira,
dos teus prédios flammulando nas fachadas...
Amo essas tuas
ruas
movimentadas
e toda a tua gente
sorridente...

Gosto de lembrar a tua fundação
no dia de S. Sebastião,
prezo tudo o que em ti aconteceu,
gosto dos teus pomares
e arnenissimos ares,
teus munumentos e edificios gigantescos.

tuas pinturas lindas e arabescos,
tudo, tudo o que ó teu,

cidade encantadora, majestosa,
mais bella cada vez, cada vez mais formosa,
— joia sem jaça, mystico diamante —
sólo fecundo, ubérrimo, pujante,
onde sonho dormir meu somno derradeiro...
Cidade mágica da luz
que tanto me seduz,
ó Rio de Janeiro !...



FIM DE ROMANCE...

... e eu, vencido, afinal, dos teus falsos amores,
provarei do travôr das angustias terrenas...
Mil tormentos terei, terei também mil gehenas,
bebendo a taça vil dos mais vis dissabôres...

... e tu, vendo, por fim, desmanchando-se as flores,
plenas de aromas bons e de bom viço plenas,
as flores da chiméra, essas flores amenas,
terás saudade, então, dos dias anteriores...

... e eu chorarei, depois. Depois, ficarei mudo...
Meu amôr, minha dôr, o meu soluço, tudo,
tudo se acabará, tudo será desfeito...

... e tu me quererás, vendo quão tudo é vão;
mas, vão tudo será, porque meu coração
não mais encontrará, pulsando no meu peito !



SEMPER FIMOR!

Havia já, por certo, uma semana
(si ainda esta vez a mente não me engana),
uma semana já, por certo, havia,
que alguma cousa me opprimia o peito,
o coração me punha contrafeito,
e o cérebro vasio e a alma vasia...

Mas, como eu sei que o coração da gente
na juventude vive sempre doente,
anda sempre com a vida accidentada,
disse uma noite: -- O' coração amigo,
preciso conversar muito contigo,
inda que seja até de madrugada.

E fui logo *inquirindo*: -- Por ventura
é a caridade só que te tortura ?
Pratica o bem, boas acções pratica.
E's assim como um mágico *thesouro*:
quanto anais distribues tuas moedas de ouro,
tanto maior teu património fica.

E não disse que sim, não disse — não,
nem me disse — talvez, o coração...

Que te entristece ? O vicio, a iniquidade ?
Andas *descrente*, assim, da Humanidade ?
julgas tudo calumnia, odio, ambição ?
Não mergulhes no oceano da heresia !
Soffre, cala-te e espera, porque, um dia,
ha de vir, afinal, a redempção...

E não disse que sim, não disse — não,
nem me disse — talvez, o coração...

Será que vês o *desmoronamento*
de um castello de areia ? ou foi o vento
que tocou num remoinho o sonho teu ?
Sonha outro inda mais alto, inda mais lindo,
vai subindo, subindo, vai subindo.
que, alem das nuvens, é que fica o ceu...

E não disse que sim, não disse — não,
nem me disse — talvez, o coração...

Lembrei-me, então, do amor, e falei-lhe em Cupido.
O coração soltou um murmuro gemido,
exhalou um suspiro, e entrou a palpitar.
Senti a alma correr-me um frio de saudade,
pús-me a conjecturar sobre a felicidade,
e deu-me uma vontade immensa de chorar...



DESILLUSÃO

Já acreditei na vida, noutras éras.
tive amor á existencia noutra idade,
mas hoje sei que tudo são chimeras,
tudo são illusões da mocidade.

Muito ouropel, muita futilidade,
outomnos passem, corram primaveras;
só machínas tração, pensam maldade
esses maus homens — typos de homens-feras.

Domina á humanidade uma vertigem.
tudo perdeu a primitiva origem,
tudo immerge num cháos de incompreensões...

Já não fremem as almas de hoje em dia,
os cérebros não têm mais fantasia,
não sabem mais amar os corações...



HOMEM

Julgas-te ser o deus da intelligencia,
mas, do pó tornarás á poeira informe.
Nascer, amar, gosar -- eis tua existência,
Deus, não sabes si come ou bebe ou dorme...

Teus dias são fragmentos com que a sciencia
tua levanta um edificio enorme
para as nuvens tocar... E a Omnipotência ?
Qual ! nada ha que com isso te conforme !

No entanto, como és fraco neste mundo:
mal sentes, fria, a folha de um cutello,
atravessar-te o peito — eis-te caveira !

Homem, vê que, num rápido segundo,
pode ruir para sempre esse castello
que levaste construindo a vida inteira !



VITA NUOVA

Quando eu era pequeno, a mamãezinha,
cingindo ao collo a estreita frente minha,
dizia, carinhosa e sorridente:
— Cresce, meu filho, estuda, aprende bem:
e ás tuas orações não faltará o amém
de toda gente.

Moço me fiz, e, aos livros abraçado,
passei eu longas noites acordado,
pra recapitular uma lição,
mas, ninguém vi, como mamãe dizia,
e eu prelibava em minha fantasia,
beijar-me a mão.

Cavalheiros soberbos, damas bellas,
- guapos mancebos, tréfégas donzellas,
fingidos como a vida ou como um sonho,
vi simplesmente. E o vinho capitoso,
que eu suppunha encontrar, e o infindo goso,
já não supponho...

De maneira que, agora, eu passo a vida
— só de illusões e dores sempre urdida —
sem me importar, *devéras*, com ninguém.
Mas, por *saber* que *ruím* é toda gente
e tudo é *ruím*, por isso, unicamente,
eu vivo bem !



POST MORTEM

Puseste um ponto em nossas amizades,
deixando-me na vida tão tristonho,
e, hoje, vejo (pois são tantas saudades...)
outro, o futuro que sonhei risonho.

Só encontro em meu caminho atrocidades,
não mais canto, não rio, nem mais sonho;
tudo impecilho me é, dificuldades,
e a vida, qual suppús, já não supponho.

Mas, que fazer ? Irei cumprindo o fado
que me *pertence*: amar *sem* ser amado,
pois esta, que não outra, é minha sorte.

Esquecer-te ? Não posso, anjo querido !
— Só quando *dér* meu ultimo gemido,
— Só quando no sepulcro, após a morte l



CONFISSÃO

Querida, tenha paciência,
mas, para mim, a existencia,
sem você, perde o valor;
não sabe quanto lhe quero,
quanto é meu amôr, sincero,
quanto é puro o meu amôr.

Si a vejo, um mundo risonho,
á semelhança de um sonho,
desponta dentro de mim...
Tudo me fala, sorrindo,
meu prazer é enorme, infindo,
minha alegria é sem fim.

Si lhe ouço a voz, meus ouvidos,
de bemós, nem sustentidos,
não descem ao diapasão.
As cordas que em mim vibraram,
os homens que nunca amaram,
não sentem, nem, sentirão.

Falo-lhe, e a bocca mimosa
é qual entreaberta rosa,
trescalando rara essência:
num éden eu me supponho,
parece-me a vida um sonho,
e duvido da existencia...

Em summa, ú você, querida,
meu sol, meu ar, minha vida,
meu céo, de estrellas recamo...
Não sabe quanto lhe quero
e a adoro, quanto a venero,
quanto a idolatro, quanto a amo !



O MESMO AMOR

Bohemios e ascetas, sábios e doutores,
pareciam-me a tudo indiferentes,
sem sensações vibrantes interiores
e sem paixões frenéticas, ardentes.

Perscrutei-lhes, então, os resplendores
dos olhares, as lágrimas pungentes,
e, si alegrias vi, também vi dores,
também amores vi, bem que latentes.

Cérebro algum achei, vivendo bem dormido,
peito julgo não o ha, vasio de illusão.
corpo estou para ver, sem nunca ter fremido.

Mas, sei, hoje, afinal, que, disfarçado ou não,
cada alma de mortal é um berço de Cupido,
o amôr é sempre o mesmo em todo coração !



ÍNDICE

	Pags.
Dedicatória	3
Das estrellinhas	7
Eu amo	9
Ego	10
A cousa mais forte	11
Tenho medo de amar	14
Medo	15
Ubi es, felicitas ?	16
Mão de fada	18
Saber amar	19
Transformações	21
Aquella rua, aquella casa e a vida	22
Novo diluvio	24
Papae Noel	25
Sino	26
Tu és o Amôr	27
Mentecapta	28
Supplica	29
Frade e Freira	30
Como és boa ! Como és linda ! Como eu te amo !	33
Suave castigo	34
Na borrasca	35
A vida	39
Intima dor	41
A velhinha	42
Uma mulher	43
Contraste	44
Meu coração	45



Do Guarani.....	47
Eu só queria.....	48
Pulvis.....	49
Meu amôr.....	50
Rio de Janeiro.....	32
Fim do romance.....	55
Semper amor.....	56
Desillusão.....	59
Homem.....	60
Vita nuova.....	01
Post mortem.....	63
Confissão.....	64
O mesmo amôr.....	66
índice.....	67

